

NARRATIVA TRANSMÍDIA MULTIPLATAFORMA (ARTE, DESIGN E ESCRITA) SOBRE A HISTÓRIA DO PASSO DOS NEGROS EM PELOTAS

ANA PAULA SIGA LANGONE¹; LÚCIA BERGAMASCHI COSTA WEYMAR²

¹*Universidade Federal de Pelotas – analangone@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – luciaweymar@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta pontos principais de uma pesquisa maior ligada ao PPGAV da UFPEL na qual minhas vivências poéticas, enquanto pesquisadora negra artista-designer-artesã, buscam dar visibilidade ao local denominado Passo dos Negros, na cidade de Pelotas, através da arte, da escrita e do design.

Com o intuito de (re)conhecer-me através da história das comunidades negras começo a mapear os percursos dessas pessoas em Pelotas, minha cidade natal. O lugar conhecido como Passo dos Negros ganha protagonismo no trabalho e na minha produção artística, pois ali descubro muitas histórias que correm o risco de serem apagadas.

Para reescrever tais histórias, o conceito de Maria da Conceição Evaristo (2005) “escre(vivência)” surge como elemento norteador da escrita para deixar vir à tona as vivências da mulher negra para que surja “a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido”. Por ser negra a autora entende que o “movimento” de “semantizar” da mulher negra abriga toda suas lutas, ela vê a escrita como direito, assim como se toma o lugar da vida (EVARISTO, 2005, p.205).

Com grande importância histórica, arqueológica, patrimonial, ambiental e antropológica para Pelotas, o Passo dos Negros remonta em sua história o início da cidade como uma das rotas do Caminho das Tropas por onde passava o gado a ser abatido nas charqueadas; mesmo quando ainda era vila já tinha um alto fluxo de transeuntes devido à produção e venda do citado charque. A cidade, no início do século XIX, atraía olhares estrangeiros de todos os lados, mas os números que começam ser delineados, com o aumento da população de origem negra, tornam, a cada passo, mais pretas as raízes pelotenses. O império dos barões da carne salgada queimada pelo sol é construído através da escravização da mão de obra capturada em terras africanas. Às margens do Passo dos Negros mulheres e homens negros chegam à localidade atravessados pelas águas do canal São Gonçalo, e então são distribuídos e escravizados em todas esferas do trabalho na região.(GUTIERREZ, 2004). Por ter sido um dos palcos da escravidão este espaço apresenta ruídos entre o sistema escravagista e o trabalho assalariado efetivado no engenho de arroz ali instalado, e hoje inativado. A escravidão não acaba de um dia para o outro. Como se dá este processo? As convergências desses fatos, conectados a habilidades de sobrevivência das pessoas envolvidas nessa cadeia – que ficam desempregadas ao fechamento do engenho e criam novas formas de trabalho – emolduram o cenário das narrativas que estão ameaçadas de ser apagadas devido ao acelerado processo de gentrificação na região. Gentrificação é um termo utilizado por Ruth Glass, em 1960, e pode ser interpretado como um processo de “privatizar o lazer” ao transformar estes locais em espaços nobres, expulsando e excluindo a população até então residente.

Enquanto pesquisa/estudo/investigação o trabalho busca (re)conhecer a história deste lugar e compreender seu passado e seu presente para desenvolver uma “narrativa” poética “transmídia” “multiplataforma” (JENKINS, 2006). Para compor o projeto mídias diversas e algumas plataformas (*site, youtube, blog*) são utilizadas buscando dar mais visibilidade ao espaço, abordar sua história, transmitir as vozes de sua gente e sobretudo, atuar na preservação e consolidação como patrimônio de Pelotas.

2. METODOLOGIA

A expressão “arte” é incorporada ao conceito de “(escre)vivência” de Evaristo (2005) em um neologismo que aproxima a arte e design. A “artescrevivência” tenta dar conta dos meus devires negros no local e legitima a construção de uma narrativa sensível ao meu (re)encontro enquanto artista-designer-artesã com a cidade de Pelotas e o quanto me (re)conheço nela. A escolha pelo Passo dos Negros como assunto a ser trabalhado como tema de pesquisa surge como um marcador importante para entender o percurso da comunidade negra, pois é ali que a escravidão na cidade de Pelotas tem início. As “artescrevivências”, no Passo dos Negros, são acompanhadas por práticas cartográficas desenvolvidas inicialmente para compreensão geográfica, mas, no decorrer da pesquisa, (des)velam e revelam a Pelotas Negra. Este gesto de profanação é entendido por Agamben (2009, p,40) como contradispositivo que “restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”.

Para mapear esses trajetos e relacioná-los com os conceitos vivos da pesquisa encontro fundamentação teórica em Kastrup e Barros (2009, p.77) pois, para as autoras, a cartografia deve ser uma prática construída “caso a caso” para “acompanhar os processos” de “subjetificação” de algo. Associado ao desenhar cartográfico, que auxilia na compreensão dos fluxos históricos que permeiam a região, apresento um olhar etnográfico inspirado em Gueertz (2009) para que as falas das pessoas que vivenciam diariamente o Passo dos Negros sejam registradas e transmitidas de modo condizente com uma observação descriptiva ao deslocar a problemática para o sujeito e apresentar as questões do que é a cidade a partir dos sujeitos, e não dos objetos.

Neste contexto, estão sendo criados conteúdos analógicos e digitais, como o design de identidade do local, que inclui além da marca, camisetas inspiradas nas narrativas dos moradores, postais dos pontos mais relevantes, audiovisuais apresentando os moradores e suas narrativas através de uma websérie, dentre outros produtos. Todas as mídias são selecionadas conforme sua potência; como diria Jenkins (2009, p.142) “cada meio faz o que faz de melhor” e então essa narrativa vai sendo construída e se desenrolando em “multiplataformas” e cada novo texto, arte ou produtos design criados conectados a essa história contribuem de “maneira distinta e valiosa” para toda a “narrativa transmídia”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da interação com algumas pessoas da comunidade percebe-se que atualmente o Passo dos Negros é uma comunidade plural composta por variadas etnias que têm, em seus diversos costumes, diferentes modos de ser resiliente. São gente que têm em comum a valorização das narrativas das histórias e da luta pela permanência no local; valores transmitidos através da oralidade dos moradores mais velhos às novas gerações. As trocas de saberes e fazeres promovidas pelos encontros unem os cidadãos que ali habitam e

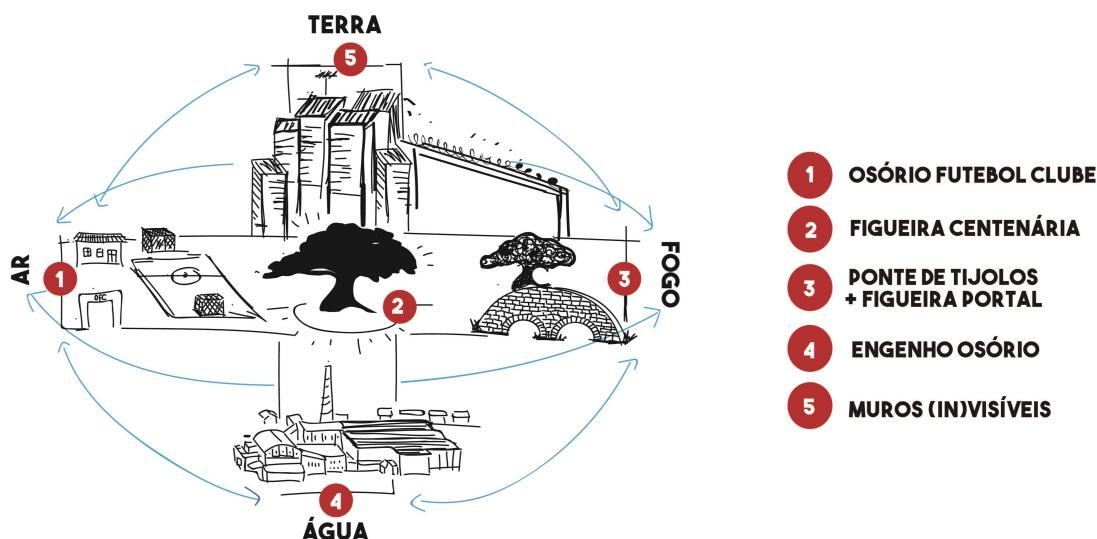
fortalecem a comunidade para enfrentar as constantes ameaças da especulação imobiliária que constrói muros físicos, simbólicos e culturais na história de Pelotas.

Hoje, o local apresenta-se como um dos focos mais acelerados do processo de gentrificação na cidade e isto está relacionado com as constantes estratégias de apagamento do local pelos poderes públicos e privado. É seminal que seja dada a visibilidade merecida ao Passo dos Negros e que o poder público formule estratégias para que os moradores sejam legalmente vistos como construtores da história, para que continuem trazendo narrativas tal como a da Ponte de Tijolos construída por pessoas negras escravizadas na época da pujança do charque; para que sigam contando sobre as experiências com as Figueiras Centenárias; para que continuem falando sobre o trabalho no grande Engenho de Arroz desativado em meados da década de 1990 e para que sigam participando das confraternizações no Osório Futebol Clube.

Todas essas histórias de Pelotas vivem às margens do Canal São Gonçalo e no transcorrer da pesquisa passam a se configurar e serem apresentadas enquanto valores simbólicos/identitários do espaço, através de seus interlocutores. Os locais identificados como latentes na cartografia, na organização e na manutenção do Passo dos Negros, são dispostos em um infográfico para, a partir dele, a narrativa poética transmídia começar a ser delineada. (Fig.1).

Para analisar a distribuição, a conectividade e a coesão a narrativa poética transmídia sobre o Passo dos Negros é utilizada a metodologia de Durand (2012) a fim de organizar as imagens de forma sensível e circular e formar “constelações” que propiciem ligações entre as particularidades dos assuntos e instiguem a construção de novos discursos através do resultado dialético das imagens selecionadas. As imagens no trabalho surgem como o encontro dos tempos, do passado e do presente, apresentados no agora. Tal encontro, para Benjamin (2006), se dá partir de um choque, um lampejo, um relâmpago, formando algo mais complexo, como uma “constelação”. Surgem como imagens que “saltam” como “sobreviventes” e, até mesmo, através de “aparições do tempo por vir” (BENJAMIN, 2006, p. 504).

Imagen1: Infográfico do Passo dos Negros, de Ana Langone - Ilustração



Fonte: Produção e acervo da autora, 2019.

4. CONCLUSÕES

Ao analisar os trajetos percorridos pela população negra no Passo dos Negros e as relações com as bacias de significados gerados pela matriz africana podemos entender que essas águas híbridas também deságuam por aqui e isto se percebe no ato de “pertencer” a uma atmosfera em que a população negra cria e identifica-se. Esta aura, no interior desta “estética e contra-estética”, presenciada no Passo dos Negros em Pelotas, se torna a ponte, através “Atlântico Negro” (GILROY, 2001), para o trajeto de mão dupla entre a cidade do sul do Brasil – interligada às Américas – e a África. A pesquisa, além de apresentar uma narrativa poética transmídia multiplataforma sobre o Passo dos Negros, pretende revelar e valorizar o local para que continuemos tendo vivas estas histórias às margens do canal São Gonçalo. A pesquisa, ativista, gira em torno dos elementos do espectro afro diáspóricos que existem no local para que não sejam apagadas essas histórias, pois acredita que negros têm direito a sua história, historicamente silenciada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó: Argos, 2009. 1v.

BENJAMIN, W. **Passagens.** Belo Horizonte: UFMG, 2006. 2v

DURAND, G. **As estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arqueologia Geral.** São Paulo: Martins Fontes, 2012. 4v.

EVARISTO, M. C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora.b**, João Pessoa: Editora Universitária, 2005. 1v.

GUEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: CIP Brasil, 2009. v3.

GILROY, P. **O Atlântico Negro:** Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34. 2001. 1v.

GUTIERREZ, E. **Barro e Sangue,** mão de obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888), Pelotas - UFPel, 2004, 1v.

PASSOS E.; KASTRUP, V. e ESCÓSSIA, L. **Pistas do Método Cartográfico: Pesquisa - Intervenção e Produção de subjetividade,** Rio de Janeiro: Sulina, 2009. 1v.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** São Paulo: Aleph, 2006. 1v.